

## **CONTO E HISTÓRIAS DE VIDA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS <sup>1</sup>**

CAROLINA LEITE \*

### **RESUMO**

A utilização das histórias de vida e das narrativas de ficção nas Ciências Sociais tem suscitado, desde sempre, um certo número de obstáculos, face à regulação epistemológica que tem dominado a produção do conhecimento no domínio das Ciências Humanas. No entanto, o interesse crescente por este tipo de material levou-nos a fazer uma breve reflexão sobre a sua importância na compreensão das trajetórias individuais bem como dos processos sociais que as condicionam.

Ao agradecer o convite para participar neste encontro de autores e contadores de contos, desejo felicitar os organizadores pela ideia de promoverem um debate onde o imaginário e a sua fruição têm lugar de honra — e a universidade tem um déficit crónico deste tipo de oxigénio — mas também pela indispensável perseverança que um pequeno grupo tem revelado, tornando possível a passagem deste projecto à sua concretização.

O tema que me proponho abordar, de forma muito breve, centra-se na relação que as ciências sociais e, em particular, a antropologia e a sociologia, têm desenvolvido com as narrativas de ficção e, mais concretamente, com as histórias de vida.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada nas III Jornadas do Conto, realizadas em Braga, na Universidade do Minho (16-18 de Março de 1999).

\* Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho.  
E-mail: mcarolina@ics.uminho.pt

Num primeiro ponto, trata-se de situar a especificidade do conto e da história de vida, enquanto suportes da análise social, salientando os aspectos comuns e as diferenças que os separam; de seguida, recorda-se o percurso das histórias de vida bem como os contributos e desafios por elas colocadas às ciências sociais e, finalmente, num terceiro ponto, procura-se situar o interesse crescente pela abordagem biográfica, no quadro da *deslocação* do paradigma dominante que informa a produção sócio-antropológica.

1. — A produção de contos e outras narrativas de ficção parece estar associada a um desejo/necessidade de escrita e de comunicação e não, necessariamente, a uma preocupação de ordem analítica. A coerência própria deste modo de comunicar pode, e se calhar deve, afastar-nos das coordenadas da realidade concreta, situando-se (e situando-nos) assim num território onde a linguagem comum e a linguagem simbólica se podem confundir e onde a lógica conhecida do mundo material e o caos aparente do universo onírico podem sobreviver sem antagonismos insolúveis: o visível toca o invisível sem as reservas a que estão sujeitas as demonstrações científicas e boa parte da produção ficcional, demasiado conforme a uma visão *realista* dos seres e dos contextos. E porque é difícil desdenhar da possibilidade assim criada de transformar a «realidade» numa outra bem mais ampla — esta que serve de matéria-prima à ficção e que ousa empurrar a fronteira «da verdade material» para explorar *outras* realidades, incorporando-as — chamar aqui as lentes da análise social não pode deixar de nos provocar um arrepio perante a miragem redutora que sempre lhe anda associada, tantas vezes com razão.

Quanto à produção das histórias de vida, a sua origem decorre, geralmente, da identificação de uma problemática que pode ou não estar associada à denúncia de uma dada situação social, daí a sua utilização estar orientada para as questões e dúvidas por ela levantadas. Mais raramente a recolha de histórias de vida pode estar associada, não a um objectivo concreto de investigação, mas apenas a uma intenção de registo e arquivo de memórias que, de outro modo<sup>2</sup>, estariam condenadas ao desaparecimento.

---

<sup>2</sup> Nesta perspectiva, e num artigo recente «O século da BBC» (Público, 15 de Dezembro de 1997), podia ler-se o seguinte: «A BBC vai produzir o maior arquivo histórico oral da Grã-Bretanha, uma vez que se prepara para gravar cerca de três mil horas de pessoas a falar sobre as suas vidas durante o século XX». E mais adiante, é citado o professor Simon Szreter, que acrescenta: «A história oral é importante porque nos dá acesso a áreas da história que são negligenciadas pelos documentos formais. Dá-nos uma perspectiva da história da classe trabalhadora, das mulheres, das crianças ou mesmo da história da sexualidade».

Num primeiro olhar, estes dois exercícios parecem incompatíveis entre si, refêns de lógicas próprias e irreduzíveis. Mas embora a análise «social» mantenha com os discursos que exprimem a liberdade do imaginário, uma vigilância «objectivista», por dever da «ciência» de que se reclama, existe, no entanto, uma *coincidência* possível entre estes discursos, aparentemente tão afastados. Em vez dessa ruptura mais ou menos anunciada, consideremos então a possibilidade, mesmo que provisória, de uma *passagem* entre ambos, o tal *segmento de coincidência* a partir do qual múltiplas reciprocidades informam e complexificam a relação existente entre as ciências sociais, as narrativas de ficção e, mais concretamente, as histórias de vida.

1.1 — Regressemos a uma primeira questão, a que coloca os *objectivos* que guiam as ciências sociais quando procuram suportes tais como os contos ou as histórias de vida. De facto, e embora se trate de abordagens de natureza distinta, a análise das narrativas (por exemplo, dos contos) ou a construção de uma narrativa, (como as histórias de vida) para posterior análise, os *objectivos* são, no entanto, semelhantes. Através de instrumentos diferentes, as ciências sociais procuram, em ambos os casos, elementos de significação que permitam contextualizar o quadro de produção dessa narrativa, os valores ideológicos que a sustentam, o sistema de valores que defende e/ou promove, ou até mesmo as estruturas de produção do universo em análise; mas se o enfoque for dirigido para o actor, podemos então estudar a imagem de si próprio, os conflitos de papéis, as trajectórias de vida, etc. Dependendo da questão que nos leva a interrogar este tipo de material, e que pode ser relativa a processos *objectivos* ou *subjectivos*, assim se orientará a procura.

Quanto às diferenças dos suportes, elas são claras: os contos existem, para além do interesse que as ciências sociais possam vir a manifestar por eles, já que respondem a uma função expressiva, lúdica e/ou formativa enquanto as histórias de vida são constituídas em função de uma preocupação concreta de um investigador, na tentativa de aí poder encontrar a resposta que procura. A linguagem dos contos assim como o seu conteúdo são, essencialmente, de natureza simbólica; quanto às histórias de vida, estruturadas a partir de uma intenção de coerência e de inteligibilidade do próprio percurso do actor que fala, reconstituindo, com o máximo de verosimilhança, a sua sequência biográfica, estão sujeitas a uma linguagem descritiva e mais próxima dos aspectos práticos e funcionais do quotidiano, embora o nível das representações esteja igualmente presente: «*Tout rapport social, quel qu'il soit, inclut une part idéelle, une part de pensée, de représentations ; ces représentations ne sont pas seulement la forme que revêt ce rapport pour la conscience, mais font partie de son contenu*» (Godelier, 1984:

192). Esta constatação é válida, independentemente do nível de consciência que os actores possam ter sobre as suas próprias representações.

A aproximação das ciências sociais a este tipo de materiais estabelece-se, assim, a partir do desejo de entendimento das práticas e das representações dos actores envolvidos (os da ficção ou os das histórias de vida), o que pode acrescentar à leitura dos primeiros, uma componente de inteligibilidade que enriquece a dimensão lúdica do seu propósito, sendo igualmente verdade que os seus ingredientes de imaginário, na medida em que transportam outras dimensões da experiência vivida ou sonhada dos actores podem, pelo seu poder evocativo, suscitar um discurso analítico mais permeável a este tipo de influência. Isto supõe, naturalmente, admitir que a fabricação do discurso das ciências sociais estará tanto mais perto do rigor científico que nos promete quanto mais longe levar a incorporação de dimensões da vivência dos actores que tendem a ser subalternizadas, quer por dificuldades de quantificação quer por falta de instrumentos de objectivação. Evita-se assim parte da riqueza deste material que está, como diz Jean-Claude Kaufmann (1996: 15) «*dans la densité complexe de la chair biographique*».

Assim, parece-nos que os contos nada perdem da sua capacidade de fabulação e de encantamento, podendo a análise social acrescentar-lhes uma leitura *política*, útil para a desconstrução dos valores que lhes estão subjacentes, enquanto as histórias de vida podem, pela aproximação à liberdade do conto, explorar dimensões que se têm mantido incipientes, como a relação do visível/invisível e do papel do corpo e dos sentidos nesse tipo de percepção — sensações, premonições, intuições, etc. — enfim, um conjunto de aspectos por vezes difíceis de tratar e até mesmo de nomear.

2. — E é justamente porque há uma zona possível de sobreposição destes materiais, que vale a pena reter a afirmação de Brian O'Neill:

«As histórias de vida comportam sempre uma natureza literária última, que escapa inelutavelmente a certas propostas «duras» das ciências humanas» (Expresso, Março de 1995)

— As histórias de vida tiveram, no âmbito das ciências sociais, um percurso difícil, particularmente nas épocas em que os resultados de natureza quantitativa e um certo espírito de *engenharia social* constituíram o modelo dominante nesta área do saber. Foi através da Antropologia que os materiais biográficos ganharam relevância. No início deste século, uma autobiografia de um índio Winnebago ao antropólogo Paul Radin inaugura este percurso e pouco depois, são os americanos da escola de Chicago a interessarem-se por estes materiais; entre outras recorde-se a obra de William Thomas e Florian Znaniecki, publicada em

1920, *The Polish Peasant in Europe and America*; em 1942, surge uma nova autobiografia de um índio Hopi; em 1954, uma autobiografia de uma mulher muçulmana da Nigéria e em 1960, é a vez de um Porto-Riquenho contar a sua história de vida. Em 1961, Oscar Lewis relata em *os Filhos de Sanchez*, a vida de uma família residente na periferia de uma grande metrópole, deixando emergir o modelo cultural próprio da classe pobre mexicana. Apesar do interesse que este estudo despertou, mantendo-se até hoje uma obra de referência, foram raros os estudos que seguiram este caminho de observação e análise.

De facto, é só na década de 70/80 que volta a emergir o interesse por este tipo de técnicas<sup>3</sup>. E a partir de então, multiplica-se o número de estudos orientados numa perspectiva de natureza autobiográfica — vale a pena recordar, Maurizio Catani (1982), ou numa abordagem distinta, T. Zeldin (1994) ou ainda Schwartz (1993); refira-se ainda a obra dirigida por P. Bourdieu, *La misère du monde* (1993) entre muitos outros, para já não falar das obras teóricas sobre as questões metodológicas que se colocam na produção e utilização destes materiais (Daniel Bertaux 1980, 1988, 1997; Poirier et al., 1983; Franco Ferrarotti, 1991; Kaufmann, 1997). Também em Portugal, são numerosos os estudos que incluem histórias de vida nas técnicas usadas: Manuela Ribeiro (1995), Karin Wall (1982), Carol Brettell (1978, 1982), Engrácia Leandro (1995), etc.

2.1 — As resistências que têm travado uma maior utilização das histórias de vida decorrem, no essencial, das velhas dicotomias associadas à produção da ciência social: indivíduo/sociedade; subjectividade/objectividade, e que muitas vezes a afastaram do sentido da experiência efectiva dos indivíduos. Neste sentido, as histórias de vida constituem um desafio para a prática da ciência social, o que podemos recordar, de forma breve, em cinco pontos distintos, tal como os enuncia Françoise Digneffe (in Albarello, 1995):

— O método biográfico permite ultrapassar a oposição entre o indivíduo e a sociedade. Através dos relatos que são as histórias de vida nós procuramos reconstituir o universo social que o rodeia. Procura-se entender a

---

<sup>3</sup> Como recordam Poirier et al: «O mal-entendido pernicioso que pairou sobre a abordagem biográfica foi o de não se ver nela senão um método privilegiado de observação do subjectivo, separando o eu dos acontecimentos e das práticas. Este mal-entendido, saído do psicologismo presente nos textos de Thomas e Znaniecki e mantido pelos trabalhos metodológicos da Escola de Chicago (...), foi reforçado pela similitude da história autobiográfica no inquérito e na prática psicanalítica. A autobiografia sai, desta forma, do domínio da informação sociológica e da verificação» (1999: 109).

relação entre o quadro social e a vivência individual do mesmo. Como escreve Ferrarotti:

*«Qualquer narração autobiográfica conta uma prática humana. Ora, se a essência do homem é, na sua realidade, o conjunto das relações sociais (...) qualquer prática individual humana é uma actividade sintética, uma totalização activa de todo o contexto social.» (1997: 206, 207).*

Segundo o autor e outros que adoptam este tipo de abordagem, é possível, através da singularidade das histórias individuais, conhecer o universo social e histórico envolvente.

- Segundo ponto: é possível, através do método biográfico, captar a relação entre o ponto de vista subjectivo do homem e a sua inscrição na objectividade de uma história. De facto as histórias de vida dão-nos uma dimensão da negociação que o indivíduo constantemente promove face aos constrangimentos sociais de que é alvo. Podemos assim avaliar o peso das determinações sociais nos percursos individuais.
- Terceiro ponto: o método biográfico permite abordar as diferentes «subjectividades», perceber o modo como as condutas dos indivíduos são permanentemente remodeladas, tendo em conta as expectativas dos outros. Entendendo a história individual como um processo de mediação entre os grupos primários, as instituições e os próprios indivíduos, os relatos de vida permitem evidenciar esses mecanismos transaccionais e intermediários de ligação entre o individual e o social.
- Quarto ponto: o método biográfico vai onde não chegam as estatísticas, as grandes regularidades dominantes e os determinismos macrosociológicos. O anónimo, o marginal, o desviante têm aqui o mesmo valor enquanto informadores de uma experiência da qual são os melhores conhecedores: *«(...) tomar este sujeito como portador de história, impõe uma translação do olhar, isto é, encarar o anónimo e silencioso patronímio de cada um na qualidade de inegável património colectivo do presente para o futuro»* (Conde, I., 1991: 169). Neste sentido, a singularidade individual é preservada assim como a *«competência social dos não cientistas»* (Santos, 1989: 134).
- Quinto e último ponto: esta abordagem valida o saber individual, dando-lhe um valor de suporte na análise social. Não só se invertem as relações entre o investigador e o seu objecto, pois como diz Daniel Bertaux, aqui o objecto é *«um informador mais bem informado do que o sociólogo que o interroga»*, como acedemos a um território de experiência e da singularidade dessa experiência, da consciência que o actor tem dela e do discurso que sobre ela é capaz de formular, face a um determinado facto social.

3. — Tudo indica que a revitalização das histórias de vida como procedimento na análise social se inscreve num movimento bem mais amplo que poderíamos designar de retorno ao sujeito (Conde, I.: 1991: 169), e que se explica, por um lado, no âmbito das progressivas deslocações dos temas dominantes na análise social. Acompanhando as mudanças sociais e o crescente individualismo que ajuda a explicar algumas delas, questões como os modos de vida, o espaço doméstico, a identidade individual, a lógica gregária de pequenos grupos, etc., ocupam um espaço crescente nos estudos actualmente em curso. Por outro lado, a fundamentação epistemológica que cobre estas deslocações reserva um outro lugar à dicotomia sujeito/objecto. Reforça-se a ideia, presente num número crescente de estudos, de que essa dicotomia deve dar lugar a um entendimento que vá directo à margem de interacção sujeito/objecto em vez da sua sistemática negação. E de facto, os sinais para esta mudança estão anunciados há já várias décadas, como ainda há pouco lembrava E. Morin (in Random, 1997: 8): «*Nos sens nous trompent, autant que notre conception matérialiste et dualiste du monde. Or, quelque soixante ans après le principe d'indétermination de Heisenberg (...) et autres énoncés de la conception quantique des phénomènes tant physiques que cérébraux, l'intellectuel distingué, l'économiste futé et l'homme de la rue continuent de s'en référer à une vision du monde figée par le scientisme du XIX<sup>e</sup> siècle, ce dogme rationaliste selon lequel l'essence est séparée de la substance, le sujet de l'objet, A de B; selon lequel, encore, le monde n'est qu'une gigantesque machine régie par des lois mécanistes, causales, et déterministes (...)*». A rejeição desta visão dualista do mundo e da ciência, que se perpetua em atavismos difíceis de vencer na prática, leva o autor a propôr, então, uma visão em que o universo seja entendido como um grande Pensamento em vez de uma grande máquina: «*Un réel, enfin, où toute pensée est acte, puisqu'elle est événement quantique au même titre qu'un mouvement de particule et que «son aspect vibratoire est perçu par — donc modifie — la globalité*» (in Random, 1997: 8).

Dito de outro modo e num texto «Sobre a autonomia do método biográfico», F. Ferrarotti confirma esta mesma concepção aplicando-a à prática do investigador social: «*O observador está radicalmente implicado na sua pesquisa, ou seja, no campo da sua investigação. Este último, longe de ser passivo, modifica continuamente o seu comportamento de acordo com o observador (...). O preço a pagar pelo observador para obter um conhecimento minucioso, mais claramente um conhecimento científico do seu objecto, será o de reciprocamente ser conhecido por este último. O conhecimento torna-se assim no que a metodologia sociológica sempre desejou evitar: um risco*» (1991: 172).

Como vemos, é a própria teoria social e todo um conjunto de autores, além dos já citados, como — Elias, Goffman, Berger e Luckmann, Bourdieu

(sobretudo em trabalhos mais recentes), Giddens, Boltanski, etc. — cuja abordagem Corcuff<sup>4</sup> (1995: 6) agrupa sob a designação de *construtivismo social*, e que procuram, justamente, sair das oposições tradicionais entre objectivo/subjectivo, individual/colectivo, etc. Boaventura S. Santos tem igualmente alertado para as consequências da visão positivista do conhecimento que «*procura suprimir do processo de conhecimento todo o elemento não-cognitivo (emoção, paixão, desejo, ambição, etc.) por entender que se trata de um factor de perturbação da racionalidade da ciência*» (1989: 133).

Não restam dúvidas que, mesmo perturbando as fronteiras habituais entre as disciplinas, as abordagens autobiográficas ocupam um espaço crescente e cada vez mais legítimo, pese embora as querelas de escolas que sempre subsistem.

Se tal facto parece indiscutível no panorama actual da produção sócio-antropológica e do paradigma emergente<sup>5</sup>, resta a dúvida — a última — sobre a validade do método, aplicado, indiscriminadamente a qualquer tipo de sociedade. Concretizando, e tal como se interroga Daniel Bertaux (1980), será que a autobiografia não será uma forma exclusivamente ocidental de cada um se contar? De facto, vários antropólogos dão conta deste desfasamento, ao interrogarem, por exemplo, certos grupos de camponeses do Nepal. Respondendo à proposta de contarem a sua vida, estes camponeses contam a história da aldeia e não a sua própria história individual. Estando a dimensão temporal e da sucessão temporal, no centro das interpretações que se fazem a partir das histórias de vida, não é surpreendente que numa organização social dominada pelo tempo cíclico e pela sobreposição da dimensão individual com a dimensão comunitária, este tipo de procedimento se torne inoperativo.

Serve esta interrogação para concluirmos sobre os limites do método biográfico enquanto instrumento da análise social: é que independentemente do contexto em que nos situamos, os significados e interpretações atribuídos aos encadeamentos cronológicos dos actores, não nos dão deles, o sentido total das suas existências. O discurso que conta as suas vidas será

---

<sup>4</sup> O autor acrescenta, a este propósito «Or, la répétition et la solidification de ces modes de pensée binaires apparaissent assez ruineuses pour la compréhension et l'explication de phénomènes sociaux complexes. La *galaxie constructiviste* (...) s'efforce justement de dépasser ces oppositions et de penser ensemble des aspects de la réalité classiquement appréhendés comme antagonistes» (1995: 8).

<sup>5</sup> O interesse e aprofundamento da relação entre a dimensão cognitiva e não-cognitiva na construção do conhecimento, resultam segundo Boaventura S. Santos, como «uma das áreas de convergência entre a concepção de ciência pós-moderna que tenho vindo a propor e a teoria feminista.» Justificando esta convergência, B. Sousa Santos acrescenta: «À teoria feminista devem ser creditadas algumas das críticas mais radicais e consistentes à concepção estreita de racionalidade que subjaz ao paradigma da modernidade» (1989: 135).



sempre e apenas um vislumbre de um universo mais rico e, seguramente, mais contraditório. Como dizem Coninck e Godard (1989), «*O sentido da vida dos sujeitos é sempre irreduzível e indemonstrável*», o que nos limita quanto às possíveis ambições das ciências sociais e nos abre todo o caminho para outras formas de expressão: esta é apenas mais uma razão para nos aproximarmos do conto. Para nos compreendermos e aos outros, aprendendo a fazer da imaginação — *intermédiaire magique entre la pensée et l'être* (in Corbin, Henry, 139) — uma dimensão do entendimento.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALBARELLO, Luc et ali (1995) – *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.
- BERTAUX, Daniel (1980) – «L'approche biographique : sa validité méthodologique, ses potentialités», in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Volume lxi, pp.197-25.
- BERTAUX, Daniel (1997) — *Les récits de vie*, edições Nathan, Paris.
- BLANCHET, A.; GOTMAN, A. (1992) – *Lenquête et ses méthodes : l'entretien*, edições Nathan, Paris.
- BOURDIEU, Pierre (1986) – «L'illusion biographique», in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.º 62/63, pp. 69-73.
- BOURDIEU, P. (dir.) (1993) — *La misère du monde*, Seuil, Paris.
- CATANI, Maurizio; MAZE, Suzanne (1982) — *Tante Suzanne. Une histoire de vie sociale*, Librairie des Méridiens, Paris.
- CONINCH, F.; GODARD, F. (1989) — «L'approche biographique à l'épreuve de l'interprétation. Les formes temporelles de la causalité», *Revue Française de Sociologie*, xxxi, pp. 23-53.
- CONDE, Idalina (1991) — «Biografia e património» (apresentação), *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 9, pp. 169-170.
- CORCUFF, Philippe (1995) – *Les nouvelles sociologies*, edições Nathan, Paris.
- FERRAROTTI, Franco (1991) – «Sobre a autonomia do método biográfico», in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 9, pp. 171-177.
- KAUFMANN, Jean-Claude (1996) – *L'entretien compréhensif*, edições Nathan, Paris.
- O'NEILL, Brian (1995) – «Vidas contadas. Uma apresentação modelar de um método antropológico de variável fortuna», recensão, *Expresso*.
- PASSERON, Jean-Claude (1989) — «Biographies, flux, itinéraires, trajectoires», in *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXI, pp. 3-22.
- POIRIER, Jean et al. (1995) – *Histórias de vida. Teoria e prática*, Celta, Lisboa (© 1983). *Público*, 15 de Dezembro de 1997.
- RANDOM, Michel (1997) – *Le Figaro*, p. 8.
- RIBEIRO, Manuela (1995) – «As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 44, pp. 125-141.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1989) — *Introdução a uma ciência pós-moderna*, edições Afrontamento, Porto.
- SCHWARTZ, Olivier (1990) — *Le Monde privé des ouvriers: hommes et femmes du Nord*, PUF, Paris.